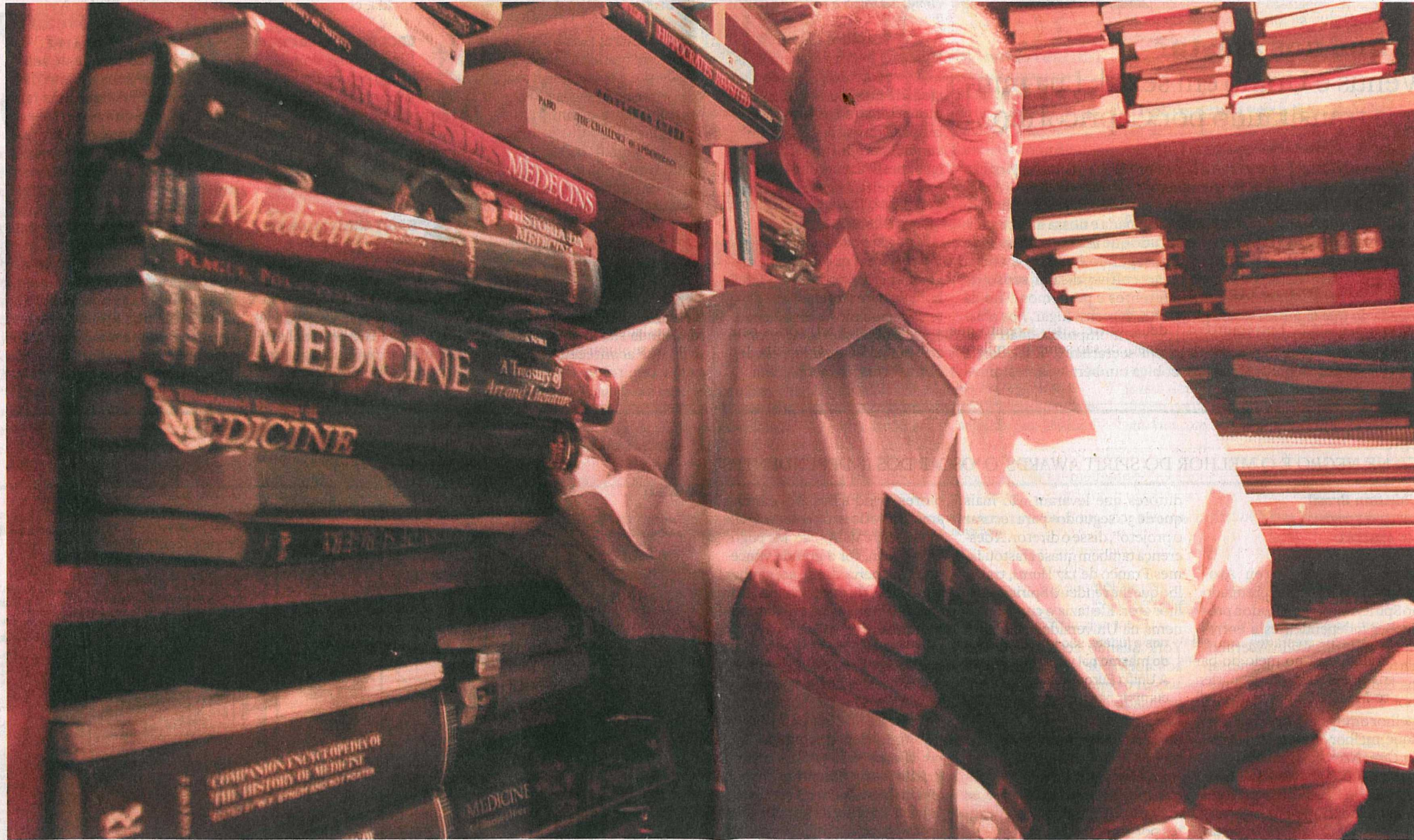


Literatura. Memória

TODOS OS CAMINHOS DA FICÇÃO

Da crônica ao romance, obra de Moacyr Scliar, morto ontem, é marcada pelo trânsito espontâneo entre gêneros

ADRIANA FRANCIOSI / AG.RBS



Leituras. Médico, Scliar deixa volumes fundamentais na área da saúde pública, à qual se dedicou como pesquisador e homem público, paixão que alimentou seu trabalho como ficcionista

Raquel Cozer

O escritor gaúcho Moacyr Scliar, que havia sofrido um acidente vascular cerebral isquêmico e estava internado no Centro de Tratamento Intensivo do Hospital de Clínicas de Porto Alegre desde 17 de janeiro, faleceu, aos 73 anos, na madrugada de sábado para domingo, vítima de falência múltipla de órgãos. O velório foi realizado na tarde de ontem, no salão Júlio de Castilhos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. O sepultamento, aberto apenas para familiares e amigos, estava previsto para a manhã de hoje, no Cemitério Israelita de Porto Alegre.

"Não preciso de silêncio, não preciso de solidão, não preciso de condições especiais. Preciso só de um teclado." Em meio a dezenas de depoimentos de autores sobre as mais diferentes manias no momento de escrever, publicados desde o início do ano passado no blog do escritor Michel Laub, o de Scliar se destacou pelo pragmatismo: para o criador prolífico e naturalmente inspirado, o único impedimento para a escrita seria a falta da ferramenta com a qual levá-la a cabo.

Tanto era assim que, em quase 50 anos de carreira literária, o por-

to-alegrense publicou mais de 80 livros – o primeiro, *Histórias de um Médico em Formação*, em 1962, mesmo ano em que concluiu a faculdade de medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e o mais recente, o romance *Eu Vos Abraço, Milhões*, em setembro do ano passado. Entre um e outro, publicou romances e livros de crônicas, contos, literatura infantil e ensaios, numa média de mais de um livro por ano, com destaque para *O Ciclo das Águas*, *A Estranha Nação de Rafael Mendes*, *O Exército de um Homem Só* e *O Centauro no Jardim* (Companhia das Letras).

Tudo isso mantendo os critérios que o tornaram um dos mais reconhecidos autores brasileiros contemporâneos em solo nacional, com uma cadeira na Academia Brasileira de Letras desde 2003 e três Jabutis (1988, 1993 e 2009); no exterior, teve obras publicadas em 20 países e recebeu honrarias como o Prêmio Casa de Las Americas, em 1989.

Isso, sem deixar de lado a carreira na medicina. Na área, destacou-se desde 1969 em cargos como chefe da equipe de Educação

em Saúde da Secretaria da Saúde do RS e diretor do Departamento de Saúde Pública. Entre o lançamento do livro de contos que Scliar preferia considerar como sua primeira obra profissional, *O Carnaval dos Animais*, em 1969, e o primeiro romance, *A Guerra no Bonfim*, em 1971, encontrou tempo ainda para cursar pós-graduação em medicina comunitária em Israel. Ainda no início da década passada, em 2002, concluiu doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, com a tese *Da Bíblia à Psicanálise: Saúde, Doença e Medicina na Cultura Judaica*.

A tradição judaica o acompanhou em toda a carreira literária, assim como o imaginário fantástico – nascido em 23 de março de 1937 no bairro do Bom Fim, que até hoje reúne a comunidade judaica de Porto Alegre, e alfabetizado pela mãe, Sara, que era professora primária, Scliar chegou a ter o romance *O Centauro no Jardim* incluído numa lista com os cem melhores livros relacionados à história dos judeus dos últimos dois séculos, elaborada pe-

“ERA UM AMIGO GENEROSO, LEAL, FIEL”

● No sábado à noite, falei com Judith, mulher de Scliar, e ela me avisou: “Entre esta noite e amanhã cedo, Moacyr terá partido, meu amigo.” Estivemos juntos pela última vez no Palácio do Governo, quando Alberto Goldman nos deu a Comenda da Ordem do Ipiranga. Rimos, felizes: Quem diria que seríamos comendadores? Naquela noite, aos nos

despedirmos, Scliar comentou: “Pensar que esta é uma amizade de 50 anos.” Ontem, meio século de amizade desmoronou. Scliar era leal, generoso, fiel. Quando, em 1996, sofri uma complicada intervenção cirúrgica por conta de um aneurisma cerebral, ele telefonou para minha mulher: “Se for necessário, em duas horas estarei em São Paulo para acompanhar os procedimentos”. No dia 20 de janeiro, fui a Porto Alegre, mas não consegui vê-lo, estava na UTI do Hospital das Clínicas, sedado. Ficou assim todo este tempo. Durante hora e

meia conversei com Judith, que estava esperançosa. Praticamente todos os médicos de Porto Alegre estavam em torno dele. Mas, não deu, ele partiu. Fará falta. Pela generosidade, solidariedade e integridade. Hoje comecei a reler *O Centauro no Jardim*, um de meus favoritos entre seus livros. Nele, Scliar é Cortázar, Borges, Kafka, Como dizia Graciliano Ramos, a palavra é para dizer, não para enfeitar. Scliar dizia.

* IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO É ESCRITOR E CRONISTA DO ESTADO

lo National Yiddish Book Center. Também se tornou um grande porta-voz do País sobre temas relativos ao judaísmo, mantendo laços de amizade com alguns dos maiores autores israelenses no mundo contemporâneo, como David Grossman, A.B. Yehoshua e Amos Oz.

A especialização em saúde pública, por sua vez, deu a Scliar a oportunidade de vivenciar temas como doença, o sofrimento e morte – características que podem ser percebidas tanto em sua ficção, em obras como *A Majestade do*

Xingu (Companhia das Letras), quanto na não ficção, caso de que *A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura* é um dos exemplos mais claros.

Casado desde 1965 com Judith Vivien Oliven e pai de Roberto, nascido em 1979, Scliar também dedicou atenção especial às obras infanto-juvenis. Costumava dizer que, escrevendo para os jovens, reencontrava o jovem leitor que havia sido. Boa parte de sua produção nessa área foi considerada “altamente recomendável” pela Fun-

dação Biblioteca Nacional. Além de produzir textos para vários jornais e revistas, o autor também teve trabalhos adaptados para o cinema, caso do romance *Um Sonho no Carroço do Abacate*, adaptado em 1998 por Luca Amberg sob o título *Caminho dos Sonhos*, em cujo elenco apareceram atores como Taís Araújo, Caio Blat e Mariana Ximenes. Em 2002, o romance *Sonhos Tropicais* também virou filme, sob direção de André Sturm, com Carolina Kasting, Ingra Liberato e Cecil Thiré no elenco.

* Análise

Luiz Antonio de Assis Brasil

Caráter pessoal e único na fabulação e na construção do texto

Ele não era um só: ele se multiplicava em vários. Era, ao mesmo tempo, o autor proeminente e laborioso, o modelo do escritor profissional, o incentivador de novos talentos e, ainda, um grande ser humano.

A qualidade estética de sua obra é reconhecida no Brasil e no mundo. Neste ponto, faço valer mi-

nas preferências: leio muitas vezes *O Centauro no Jardim* e *A Majestade do Xingu*. São perfeitas, como fabulação e texto. Moacyr sabia tratar de temas relevantes, metafísicos até, com uma simplicidade encantadora. Seu trabalho recupera conduta autoral típica na literatura brasileira do século 19 e parte do 20: a prática simultânea de vários gêneros.

Nossa relação surgiu há cerca de 40 anos. Eu, um escritor iniciante; ele, um autor com uma carreira cheia de promessas. Era o Moacyr como exemplo a ser seguido. Um bom exemplo. Eu o admirava pela qualidade da obra e por sua capacidade de estabelecer-se como escritor, dando o melhor de sua imaginação à sua arte.

No plano pessoal, era admirável seu talento para desdramatizar qualquer situação, por mais tensa que seja. Ademais, cabe ressaltar seu olhar bene-

volente sobre as obras alheias. Benevolente em excesso, dizem alguns. Talvez – pelo menos no meu caso. O fato é que sempre tinha alguma palavra de incentivo a quem lança um livro. E essa palavra caía como uma bênção em meio à arrogância intelectual de alguns contemporâneos. Pelo estímulo, ele salvou inúmeras carreiras. Moacyr abominava a autorreferência gratuita. Podia usar a primeira pessoa, mas ele agindo como uma espécie de anti-herói, vivendo situações patéticas e humorísticas. Sabia rir dele mesmo.

Há um lado de Moacyr que pouca gente lembra, e não o desmerece: ele era uma das autoridades internacionais em saúde pública. Sua estante possui livros sobre o tema em mesma quantidade dos livros literários. E agia de maneira pedagógica. Quando me via resfriado, logo dizia: “Te cui-

da, que tua gripe é um caso de saúde pública”.

Seu aspecto humano tem tanta relevância quanto sua obra. Raramente ovi aborrecido. Minuto: vi-o aborrecido uma única vez, e foi em Lisboa. Participávamos de um congresso. O Brasil participava de uma copa do mundo. Fomos visitar um amigo comum, brasileiro, que lá vivia, e que estava com a TV ligada na Copa. O Brasil jogava, e perdeu. Nosso amigo ofereceu um jantar, na sequência. O Moacyr ficou no seu canto, amuado, meditativo. Mas no dia seguinte era o mesmo, cheio de vitalidade e alegria. E ideias.

Uma personalidade fascinante, múltipla, porque sábio e porque humano.

* LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL É ESCRITOR

REPERCUSSÃO

Marcos Vilaça presidente da ABL

“Foi um acadêmico múltiplo. Trabalhador incansável da cultura, produziu uma obra respeitável e de grande poder de comunicação com o leitor. Vai nos fazer muita falta.”

Cristovão Tezza escritor

“Foi o grande narrador brasileiro dos anos 80. A leitura de *O Centauro*... foi um choque para mim, pela novidade temática, pelo poder da fantasia. Foi um clássico contador de histórias.”

Fabrizio Carpinejar escritor

“Ele estava sempre ao nosso lado, disposto a entender e a investigar a alma das coisas. Como nos quadros de Chagall, seus textos encontravam alegria e cor nas desventuras.”

Dilma Rousseff presidente da República

“Ele representou nossa sociedade em diversos gêneros, sem perder de vista sua condição de filho de imigrantes e médico. É com tristeza que nos despedimos de um mestre.”

Luiz Schwarcz escritor e editor

“Sua imaginação trabalhava sem parar. Moacyr Scliar tinha um olhar único, com ele criava um mundo fantástico no qual o humano estava sempre a serviço da literatura.”

Daniel Galera escritor

“Ele sempre foi muito generoso comigo e com os autores da minha geração. Um cara de uma energia admirável. Senti falta dele, mas foi um grande autor e sua obra está aí”